

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EDUCACIONAIS NAS REDES DIGITAIS: O POSTE POESIA E AS CULTURAS JUVENIS LEVANDO A EXPERIÊNCIA CARIRIENSE PARA OUTRAS REGIÕES DO BRASIL

*Ângela Maria Bessa Linhares**, *Klycia Fontenele Oliveira***,

*Marta Regina da Silva Amorim****, *Sésio Santiago Freire Filho*****

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre a criação da intervenção urbana Poste Poesia, desenvolvida por jovens que fazem parte do Coletivo Camaradas, presente na Comunidade do Gesso, na cidade do Crato, no estado do Ceará – comunidade periférica que foi historicamente estigmatizada por abrigar espaços de prostituição. Utilizando as redes sociais, este grupo ultrapassou as fronteiras locais, difundindo a experiência para outras cidades brasileiras, constituindo-se assim como uma pedagogia do encontro que se dá através do estabelecimento de processos dialógicos. Dessa forma, o Poste Poesia se apresenta como uma prática formativa que articula a dimensão ética à estética, conferindo um significativo espaço para a produção e recepção de produções culturais, afirmando-se como meio de resistência à lógica instrumental da sociedade em que se insere.

Palavras-chave: Educação; Coletivo Camaradas; Poste Poesia.

** Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Centro Universitário Estácio Ceará. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2957-4203>. Correio eletrônico: klyciafontenele@gmail.com.

* Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Titular da Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1440-4407>. Correio eletrônico: angela.ciranda@hotmail.com.

**** Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2066-2884>. Correio eletrônico: sesiosantiago@gmail.com.

*** Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7547-5471>. Correio eletrônico: martareginacontato@gmail.com.

***EDUCATIONAL PEDAGOGICAL PRACTICES IN DIGITAL NETWORKS:
THE URBAN INTERVENTION “POSTE POESIA” AND YOUTH CULTURES TAKING
THE EXPERIENCE OF THE CARIRI REGION TO OTHER REGIONS OF BRAZIL***

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the creation of the urban intervention “Poste Poesia” (Poetry Pole). This intervention was developed by young people who are part of the Comrades Collective, present in the Gesso Community, in the city of Crato, in the state of Ceará. This peripheral community has historically been stigmatized for being home to prostitution. This group, using social networks, has transcended local boundaries. It has spread its experience to other Brazilian cities. It is thus constituted as a pedagogy of encounter, through which dialogical processes are established. In this way, the “Poste Poesia” project is a formative practice that links the ethical dimension to the aesthetic dimension. Thus, it provides a significant space for the production and reception of cultural productions, asserting itself as a means of resistance to the instrumental logic of the society in which it is inserted.

Keywords: Education; Comrades Collective; Poetry Pole.

***PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS EDUCATIVAS EN REDES DIGITALES:
LA INTERVENCIÓN URBANA “POSTE POESÍA” Y LAS CULTURAS JUVENILES
LLEVANDO LA EXPERIENCIA DE LA REGIÓN DE CARIRI A OTRAS REGIONES
DE BRASIL***

RESUMEN

Este artículo pretende reflexionar sobre la creación de la intervención urbana “Poste Poesía”. Jóvenes que forman parte del Colectivo Camaradas, presente en la Comunidad Gesso, de la ciudad de Crato, en el estado de Ceará, desarrollaron esta intervención. Esta comunidad periférica ha sido históricamente estigmatizada por albergar prostitución. Utilizando las redes sociales, este grupo ha trascendido las fronteras locales. Ha extendido su experiencia a otras

ciudades brasileñas. Se constituye así como una pedagogía del encuentro, a través de la cual se establecen procesos dialógicos. De este modo, el proyecto “Poste Poesía” es una práctica formativa que articula la dimensión ética con la dimensión estética. De esta forma, proporciona un espacio significativo para la producción y recepción de producciones culturales, afirmándose como un medio de resistencia a la lógica instrumental de la sociedad en la que se inserta.

Palabras clave: *Educación; Colectivo Camaradas; “Poste Poesía”.*

1 INTRODUÇÃO

Desigualdades sociais superlativas e exclusões de segmentos sociais que deflagram situações degradantes atravessam a vida das culturas juvenis da periferia do Crato, no Cariri cearense, e aqui tomamos o Coletivo Camaradas para o campo empírico do nosso olhar. Especificamente no território do Gesso, zona de prostituição por cerca de quatro décadas, mesmo agudizadas as situações de produção da vida social, em tal campo de contradições, emergem ousadias juvenis esperançosas. Nesse quadro de aviltamentos, o presente artigo objetiva reflexionar sobre a criação artística do Poste Poesia, assumida pelas culturas juvenis caririenses, e que, mediante as redes digitais, difunde a experiência para outras regiões do país.

Importante informar que neste artigo faremos um recorte da tese de doutorado intitulada *Conflitos de narrativas na Comunidade do Gesso, Cariri cearense: buscando o ponto de vista das culturas juvenis*. Para esta pesquisa, realizamos oficinas com estudantes de uma escola de ensino fundamental do entorno da Comunidade do Gesso, na produção do Poste Poesia.

Refletimos como esses jovens se relacionam com a história comunitária em diálogo com o fazer artístico e interventivo do Coletivo Camaradas, e nos detivemos na difusão digital desses exercícios de criações poéticas, que culminam com a intervenção urbana Poste Poesia. No decorrer da investigação, utilizamos como metodologia a pesquisa-ação e, como procedimentos, a observação participante, entrevistas narrativas e o diário de itinerância.

Percorreremos, então, um caminho que inicialmente contextualiza a Comunidade do Gesso, como lugar donde se depreendem conflitos de narrativas que vão compor muito da tessitura da experiência juvenil do lugar. Como subseção da contextualização, trataremos de indicar o Coletivo Camaradas como coletivo juvenil proposito e animador do Território Criativo do Gesso e do Território da Palavra.

Na seção seguinte, abordaremos a intervenção do Poste Poesia, que qualificamos de narrativa artística, feita pelo Coletivo Camaradas para, como subseção desta, só então procedermos a reflexões sobre a difusão desta experiência por meios digitais. Por fim, destacaremos algumas considerações finais.

Assim é que o corpo deste artigo distribui suas matérias por meio das seguintes seções: 2 – Contextualizando a Comunidade do Gesso: da comercialização das pedras de gipsita à dos corpos femininos, seguindo-se 2.1 – Do Coletivo Camaradas: proposito e animador do Território Criativo do Gesso e do Território da Palavra; Seção 3 – Da narrativa artística do Poste Poesia na comunidade do Gesso e adjacências, seguindo-se 3.1 – Difusão da experiência do Poste Poesia por meios digitais.

2 CONTEXTUALIZANDO A COMUNIDADE DO GESSO: DA COMERCIALIZAÇÃO DAS PEDRAS DE GIPSITA À DOS CORPOS FEMININOS

A Comunidade do Gesso está situada no conglomerado intitulado Crajubar, antecipando o que viria a ser a região metropolitana do Cariri, esta última composta por nove municípios. A expressão Crajubar foi criada em 1960; daí por diante, formando uma espécie de conurbação urbana, constituída pelas três maiores cidades do Cariri: Crato, Juazeiro e Barbalha.

Localizada na cidade do Crato, no Ceará, a Comunidade do Gesso leva este nome por ter abrigado um depósito de gipsita, que recebia pedras vindas da cidade de Santana do Cariri e que seguiam de trem para Fortaleza, onde seriam beneficiadas. No entorno desse trabalho extrativista e do comércio aí engendrado, enrodilharam-se conjuntos de casas que foram produzindo vida em comum ao redor desta atividade econômica.

No entanto, esta população, constituída essencialmente de migrantes da própria região do Cariri, passa a dar azo a um bolsão de precariedades e misérias que irão configurar um espaço de prostituição que vige entre as décadas de 1950 e 1980. Evidentemente, as narrativas que vão emergindo sobre a comunidade do Gesso, neste período e depois, quando protagonizadas pelas culturas juvenis, irão desafiar o antigo modo de vida social, para se mover no ensejo de transmudá-lo.

Os enfrentamentos efetivados pelos jovens que ocuparam os vários lugares da comunidade, onde passam a agitar reflexões, deram-se, a partir de Rodas de Conversa, Higinotecas ou Pontos de Leitura (bibliotecas em bodegas), Bibliotecas Comunitárias, Rodas

de Poesia, Cine Gesso, Pesquisa e Criação do Poste Poesia, em parceria com escolas públicas adjacentes. Juntamente com outros movimentos culturais e de arte, voltados para ocupar o máximo de espaço e tempo das crianças e jovens da localidade, as iniciativas supracitadas também objetivam envolver adultos e idosos residentes no lugar. Sai-se, então, de um campo de estigmatização para o de mudança concreta, com diálogos entre os actantes das diversas práticas pedagógicas de educação formal, não formal e informal.

O depósito de pedras vai diminuindo a centralidade de sua figuração econômica e a prostituição vai ganhando relevo. O delineamento espacial, então, dá formato proeminente ao chamado Largo do Gesso e à Linha Férrea, importantes elementos que vão conferir a estratificação socioespacial do lugar. É que o Largo do Gesso e a Linha Férrea serviam como divisores de pessoas e demarcação de lugares sociais na zona de prostituição referida, conhecida popularmente como o “Cabaré do Gesso”.

A zona de prostituição começou a crescer no início na década de cinquenta do século passado, após o fechamento das casas de prostituição do centro da cidade do Crato, por ordem judicial. Na época, após a determinação jurídica de que todas as casas de prostituição localizadas no centro da cidade deveriam ser fechadas, procurou-se uma estratégia de recomposição da hegemonia burguesa: os poderes locais fizeram sua burla.

Como usufruíam dessa exploração do segmento feminino da população, mudaram o lugar dessa função, o que criou estigmas maiores e fez das comunidades migrantes, marcadas pelo enfrentamento de graves precariedades, no eixo migratório caririense, um alvo para que tivesse corpo o comércio e o depósito de mulheres que se prostituem (Amorim; Linhares, 2022) no Gesso. Como comenta Florêncio (2016, p. 142), perpassava pelo ato prostituidor das mulheres “[...] a construção de simbologias e signos sobre modelos femininos desejados e condenados”.

A partir do termo “prostituem”, o desafio que se impõe é pensar o processo histórico da Comunidade do Gesso não apenas como expressão de abandono social ou estratégia perversa de manutenção de hegemonias por meio da marginalização dos corpos e dos territórios. Intenta-se, outrossim, um chamado ético à escuta do outro, à possibilidade de ressignificação da vida comunitária e à construção de relações dialógicas de variada natureza, com suas tecnologias plurais. Nesse aspecto, o pensamento de Martin Buber (1979) oferece uma lente potente para compreendermos a transição que se operou no Gesso, de um espaço de exclusão, para um lugar de resistência e de encontro, a partir da ação juvenil.

2.1 Do Coletivo Camaradas: propositor e animador do Território Criativo do Gesso e do Território da Palavra

Assumindo uma posição de autoformação cultural e intervenção junto à comunidade do Gesso, espaço de prostituição até a década de noventa do século passado, as culturas juvenis, articuladas junto ao Coletivo Camaradas, partiram para modificar o estatuto de zona de meretrício desta comunidade. Passaram, então, a reinventar os *não lugares* (Augé, 1994), estigmatizados, mediante uma continuada intervenção artística, que tinha caráter de uma educação político-estética e de uma intervenção cultural perseverante.

Nesse ideário que enuncia uma *práxis* emancipatória, crítica, que se sedimenta no enfrentamento das contradições vividas pelos comunitários do Gesso, o Coletivo Camaradas, formado em 2007, foi se destacando por sua atuação juvenil no campo das artes, da cultura e da educação, bem como por promover atividades marcadas por uma prática pedagógica engajada, atuante nos meios de educação formal, não formal e informal de educação, através de recursos tecnológicos plurais, inclusive, digitais.

Destacamos a organização popular como um dos principais pilares de atuação do Coletivo Camaradas, que vai aglutinando moradores do Gesso e outros sujeitos de localidades próximas nas atividades realizadas pelo coletivo, dando relevo, desse modo, à participação juvenil e às práticas culturais como parte da vida cotidiana. Por meio delas, vão sendo tecidas novas teias de lutas por políticas públicas, e se ensaiam inovadoras articulações, mediadas por formas plurais de educabilidade comunitária.

Nesse sentido é que as parcerias com escolas públicas e universidades do entorno da Comunidade do Gesso são convocadas a colaborar para participar e dar visibilidade aos projetos culturais do Gesso. Dessa maneira, os segmentos juvenis e mesmo a infância das comunidades assumem, sistematicamente, protagonismos no cotidiano, aprendendo a se ler e a construir novas falas sobre si, como também novas sensibilidades e solidariedades gestadas pelos sujeitos das comunidades do Gesso e cercanias (Amorim; Linhares, 2022).

Machado Pais (2017) sugeria, com propriedade, que seria importante investigar o cotidiano das culturas juvenis como um construto em criação constante, donde vigem superações de modos de ser e se portar coletivamente. A história do Gesso, como comunidade que se instala neste espaço de exploração e comércio de gipsita, e que também passa a ser

espaço de prostituição nas cercanias de Crato (Cariri), informa-nos sobre narrativas que atuam, formando essa panóplia de ações que interfere e ainda faz a transformação das representações sobre a localidade. Assim, sai-se da posição “[...] de objeto dos depósitos ou conteúdos desumanizadores das elites, a lugar de mundos para si” (Rubi¹, 2023, p. 10); como dizem os narradores juvenis.

Magalhães e Oliveira (2011, p. 106-107), ao conferir um aspecto formador ao trabalho com a alteridade, quando mediado pela criação artística, observam que, nele, o outro aparece “[...] como construtor do sujeito, ao mesmo tempo em que construído por ele, numa relação de mútua constituição”, na qual cada um ocupa, no diálogo, um lugar de “[...] responsividade, responsabilidade e coautoria”.

A intervenção que as culturas juvenis fizeram no Gesso foi capaz de ocupar de nova forma um território minado de opressões contra crianças e mulheres, especialmente. Nessa esfera de atuação, o Coletivo Camaradas, estrategicamente, estabeleceu, no território, uma ponte entre as escolas públicas adjacentes e a comunidade referida, mediante, sobretudo, a intervenção do Poste Poesia.

Desse modo, por urdir espaços de experimentação e de criação cultural, em um processo contínuo de ação e reflexão moleculares (Aguiar; Rocha, 2007; Costa, 2021; Guattari; Rolnix, 1996), é que se pode falar em intervenções críticas na cultura local, pois importa considerar o que Martín-Barbero (2008) enuncia sobre os fluxos de vida e experiência juvenis, e que ele nomeia de *des-ordenamento* cultural. Segundo o autor, tal (des)ordenamento se faz visível, a partir de dois prismas: o da “[...] defasagem da escola em relação ao modelo social de comunicação que foi introduzido pelos meios audiovisuais e pelas ‘novas tecnologias’”, e o prisma da “emergência de novas sensibilidades”, que, no caso do trabalho do Coletivo Camaradas, se torna mais visível, sobretudo, mediante intervenções político-estéticas e recursos culturais precisos, plurais, que incluem redes de comunicação digitais.

As experimentações político-estéticas do Coletivo Camaradas, portanto, confrontam-se com as estruturas de opressão impostas e reproduzidas, dentre embates, na Comunidade do Gesso. Motivados por um profundo compromisso com as pessoas e prenhes de desejo de emancipação, os grupos juvenis em torno do Camaradas abriram caminho para novas possibilidades, nas quais o inédito viável, como nos ensina Freire (1997), pode se tornar

¹ Rubi é nome fictício atribuído ao morador da Comunidade do Gesso. Entrevista realizada em Crato (CE), no dia 23 de janeiro de 2023.

realidade. É dentro dessa perspectiva de resistência e para expandir uma visão político-estética operante, com sua prática pedagógica respectiva, que foi criado o Território Criativo do Gesso e o Território da Palavra, em uma emblemática ocupação dos tempos e espaços do lugar, com novas narrativas, ações de arte-cultura e conversações e rodas grupais.

Aos poucos o Território Criativo do Gesso e o Território da Palavra se expandiram ao envolver outras comunidades como as seguintes: Centro, Pinto Madeira, Santa Luzia, Palmeiral e São Miguel. Estas passaram a ser partícipes de ações conjuntas, embora o estigma do passado do Gesso ainda perdure em falas dos bairros que se perfilam no seu entorno.

Na prática, mediante essas intervenções, vai-se implodindo a separação entre o Gesso e os demais bairros, amplificando a ideia de Comunidade do Gesso, que sai rompendo fronteiras separatistas, estigmatizadoras, e experimentando solidariedades. Ao conectar diferentes bairros e promover a troca e a liga cultural, o projeto transcende os limites geográficos e cria um novo sentido de pertencimento e visão de território, causando rupturas com a perspectiva hegemônica anterior.

Para o geógrafo Milton Santos (1988, 1996), o território não é apenas um espaço físico, mas um espaço vivido, construído socialmente, carregado de significados e dinâmico em sua capacidade de efetivar mudanças no mundo de vida. No campo social do Gesso e seus territórios imaginários e criativos, dinâmicos, constata-se ser possível reconstruções da geopolítica subsidiária da acumulação do capital. Viu-se, então, que, uma vez tendo sido, em certo sentido, superada a invisibilidade do problema da prostituição e do cerco de aviltamentos que a sustinha, houve, por exemplo, no espaço, mudanças; mesmo em meio a contradições.

É nesse sentido que afirmamos que, ao valorizar a cultura local e incentivar o diálogo fazendo a crítica da cultura e criando novas sensibilidades, os moradores e instituições presentes no Território Criativo do Gesso e no Território da Palavra reinventam também novas territorialidades.

O filósofo do diálogo, Martin Buber (1979), já nos mostrava que a realidade humana é tecida por dois modos fundamentais de se relacionar com o mundo: a relação Eu-Isso, marcada pela objetificação e pela funcionalidade, e a relação Eu-Tu, que se dá no encontro com o outro enquanto presença viva. A história do Gesso nos mostra como, durante décadas, a comunidade foi colocada em uma posição de “Isso” – um território funcionalizado pelas elites para uso do outro, mediante a prostituição feminina, em espaço social isolado socialmente e destituído de condições humanas dignas. As mulheres, ali, exploradas; as crianças e jovens, ali, nascidos,

eram vistos sob o signo da objetificação e do estigma. Criados a portas fechadas, assim as crianças do Gesso viviam, para que a comercialização dos corpos pudesse acontecer mesmo durante o dia.

Ante esses confinamentos, o processo recente de transformação da comunidade, sobretudo pelas ações das juventudes e dos coletivos culturais, representa uma virada ontológica: é o surgimento do “Tu” onde antes havia apenas o “Isso”. As rodas de conversa e de poesia, as bibliotecas nas bodegas, o Cine Gesso, a visitação às ruas para a poesia nos postes e a leitura das poesias postas nos postes – todas essas práticas indicam um movimento de afirmação da escuta, da criação e do encontro. São gestos pedagógicos que, em sintonia com o que nos reporta Buber (1979), recusam a reificação do outro e reconhecem a sua singularidade e potência criadora, bem como seu direito à palavra.

Nesse contexto, ao difundir o Poste Poesia como prática pedagógica que passa a ter difusão digital por trinta cidades brasileiras, trabalho instaurado pelo Coletivo Camaradas, pratica-se uma práxis pedagógica freireana, na medida em que se reconhece o saber das gentes, dos territórios, da cultura popular e suas possibilidades de transformação concreta. Mas como Buber (1979), podemos acentuar um aspecto muitas vezes pouco tematizado: a qualidade ética da relação. Em vez de apenas ensinar-aprender, os jovens e artistas do Gesso se colocam em relação, construindo espaços e territórios novos da palavra e da criação. Não apenas convocam o outro a uma participação, mas engendram um *telos*, dispõem-se ao encontro transformador, no qual também são tocados e modificados em direção a um devir emancipatório.

Buber (1979) nos lembra que a verdadeira vida é encontro. E é isso que começa a acontecer quando os jovens do Gesso constroem, junto a crianças, adultos e idosos, experiências compartilhadas em torno da arte, da palavra, da memória e dos mundos imaginados. É nesse processo que podemos dizer que o Gesso deixa de ser apenas um lugar e passa a ser uma comunidade de diálogo. A memória do sofrimento e da marginalização não é apagada, mas transfigurada. Como dizia Buber (1979), não basta compreender o outro, é preciso responder a ele como um “Tu”, isto é, como alguém que me interpela e exige de mim uma resposta viva, historicamente situada, e transformadora de sujeitos objetificados.

O percurso do Poste Poesia no Gesso, veiculado por meios digitais para trinta cidades, que o reinventaram, nos ensina que a pedagogia do encontro é, antes de tudo, um gesto de restituição da humanidade do outro mediante construtos dialógicos. Onde antes havia silêncio e opressão, agora há vozes, imagens, sonhos. Onde antes havia o domínio da lógica do “Isso”,

agora florescem relações que inspiram o “Tu”. Nesse movimento multimodal, que se alarga por meios digitais, novos sentidos são compartilhados. E por sobre as antigas formas de sujeição das mulheres e das culturas submetidas a uma perversa exclusão social, passa-se a pôr em cena o Território Criativo do Gesso e o Território da Palavra, o encontro e o diálogo, a cena dos imaginários juvenis poéticos e da infância.

Cavalcante (2014), apoiada em Rojo (2012), Lemke (2010), e Cope e Kalantzis (2009), considera o valor dos multiletramentos, enfatizando o necessário diálogo com as formas de interagir das novas gerações, que ocorrem em meio à coexistência de expressões multimodais, que lidam com falas, gestos, texto, imagem, por meio também de tecnologias digitais, da informação e comunicação. Segundo Andréa Cavalcante (2014, p. 69), a Pedagogia dos Multiletramentos, na concepção de Rojo (2012), viria fortalecer o “[...] paradigma da aprendizagem interativa” proposto por Lemke e que Rojo (2012) prefere nomear de “aprendizagem colaborativa”.

Consideremos que a ideia de letramento é um indicador que vale considerar. Conforme proposta por Lemke (2010, p. 1), são “[...] práticas sociais que articulam pessoas, objetos midiáticos e estratégias de construção de significados e [funcionam] como parte integral de uma cultura, produzem ligações entre significados e fazeres”. Vemos exposto nesse conceito um “[...] conjunto de competências culturais para construir significados sociais reconhecíveis através do uso de tecnologias materiais particulares” (Lemke, 2010, p. 1). A autora ainda salienta que os

10

letramentos são sempre sociais: nós os aprendemos pela participação em relações sociais; suas formas convencionais desenvolveram-se historicamente em sociedades particulares; os significados que construímos com eles sempre nos ligam a uma rede de significados elaborada por outros (Lemke, 2010, p. 4).

Ressaltamos aqui que, para além do letramento social, estamos tratando de formação educativa. O Coletivo Camaradas, por exemplo, alia à sua intervenção educacional a articulação de uma visada ética e estética, o que confere lastro significativo tanto no que concerne à produção como no que toca à recepção de produções culturais. Essa diáde produção-recepção, ao utilizar meios digitais de difusão unindo ética e estética, expõe ao Outro (leitor, receptor, parceiro) uma fala sobre o território do Gesso, que aquele, ao ler, lê-se, fecundando um campo novo, e uma nova narrativa de si e sobre a vida do lugar emerge e se alastra.

3 DA NARRATIVA ARTÍSTICA DO POSTE POESIA NA COMUNIDADE DO GESSO E ADJACÊNCIAS – HISTORIANDO UMA POÉTICA

O Poste Poesia foi realizado em mais de trinta (30) cidades brasileiras. Além de cidades da região do Cariri, como Crato, Juazeiro, Barbalha, Jardim, Mauriti, o Poste Poesia também foi realizado em outras cidades cearenses, como Orós, Iguatu, Fortaleza e Fortim. Também participaram dessa iniciativa outras cidades, como Exu (PE), João Pessoa (PB), Vilhena (RO), Dourados (MS), Porto Feliz (SP), Piracicaba (SP), Serra Negra (SP), Itinga (MG), Uberlândia (MG).

O Poste Poesia, além de fomentar um percurso formativo juvenil, também estimula e alimenta uma cultura artística que não abandona a criação pela palavra e pela imagem, e manifesta esta construção poética mediante colagem de poesia com linguagem imagética inscrita nos postes das ruas, o que se fazia originalmente na Comunidade do Gesso e, depois, por meios digitais, disseminando-se assim por cerca de trinta cidades brasileiras. As poesias que vão para os postes são retiradas do banco de dados criado pelo próprio Coletivo, onde estão presentes poesias de vários poetas das várias regiões brasileiras. Salienta-se que a criação poética é feita por crianças e jovens que, junto às escolas públicas, vão às ruas, as quais passam a ser povoadas pelas ações do Coletivo Camaradas realizadas no Território Criativo do Gesso de modo colaborativo. A seguir, esta manifestação se difunde por meios digitais, como veremos.

Não podemos esquecer que, apoiada em Marcuschi (2010), Cavalcante (2014, p. 46) observa já serem considerados “gêneros textuais emergentes”. Doze deles já estão ínsitos no contexto da *web*, tais como o *e-mail*, o *chat* em aberto, o *chat* reservado, o *chat* agendado, o *chat* privado, a entrevista com convidado, o *e-mail* educacional, a aula-*chat*, a videoconferência interativa, a lista de discussão, o endereço eletrônico e os *blogs*. Sibília (2012, p. 25) já salientava que “a perda de eficácia no funcionamento bem azeitado das engrenagens disciplinares é, justamente, um dos indícios da crise atual”; nesse sentido é que o descompasso “[...] entre a escola como tecnologia de (outra) época e a garotada de hoje – seria um sintoma sumamente eloquente desse desajuste histórico que hoje vivemos”. Assim é que, como diz a autora, lê-se nessas participações das culturas juvenis nas tecnologias digitais e de informação e comunicação a liberdade de escolher formas de interação e plataformas de comunicação, o que faz com que se dê lugar de protagonistas, ou seja, atores e atrizes, aos usuários, em seus

atos de transmídia. E advoga que “a transmídia exige que o indivíduo elabore estratégias para habitar o fluxo de informações, entre as quais se inclui a tentativa de se vincular aos outros para dar coesão à experiência” (Sibília, 2012, p. 76). Entendendo transmídia como “[...] a disponibilidade de um conteúdo em múltiplas plataformas de mídia de forma autônoma”, onde o usuário as articula, de acordo com seus desejos e necessidades, Cavalcante (2014, p. 47) não se esquece, porém, de assinalar que essas escolhas são um exercício de autonomia que pode enfatizar também caminhos de cooperação, inserção crítica e criativa.

Dessa forma, a mudança de narrativas sobre a comunidade do Gesso expressa, em diversos níveis de intervenção educacional – informal, não formal e, de maneira atuante, também no ensino formal –, uma concepção de tecnologia educacional que envolve, com criticidade, arte e cultura, dando também acento a ambientes virtuais e tecnologias digitais, informacionais e de comunicações.

3.1 Difusão da experiência do Poste Poesia por meios digitais

A experiência do Poste Poesia, articulada pelo Coletivo Camaradas na Comunidade do Gesso, no Crato (CE), não se limita a uma prática local de intervenção artística urbana. Desde suas primeiras formulações, o projeto já nascia duplamente voltado para o espaço físico e o digital, reconhecendo neste último não apenas um meio de divulgação, mas um território de encontro e expansão, explosão de significados e potência de intervenção.

A intenção de “postar” poesias tanto nos posts da comunidade quanto nas redes sociais traduz, simbolicamente, um gesto de inserção e partilha, e nesse espaço incide seu gatilho: a palavra que brota do chão da precariedade e busca eco nos fluxos comunicacionais, sem perder sua origem nem sua direção humana.

Figura 1 – Realização do Poste Poesia na Comunidade do Gesso



Fonte: registrada pelos autores.

A dimensão dialógica do Poste Poesia nos aproxima do pensamento filosófico proposto por Martin Buber (1979), especialmente de sua concepção de que toda existência se realiza no “entre”, no espaço relacional onde os sujeitos se encontram como “Eu-Tu”. A difusão digital da poesia criada no Gesso não objetiva apenas ampliar o alcance de um conteúdo, mas provocar respostas, criar redes de reciprocidade, afetar e ser afetado por outros sujeitos, em outros territórios. Há nesse campo de tensões, mas de promissores enredos, uma pedagogia implícita, de raiz freireana e buberiana, que vê no outro uma possibilidade de transformação mútua e, no diálogo, uma *ética do existir*, e, acrescentamos, da *interexistência*, como propunha Herculano Pires (2008).

As redes sociais, muitas vezes compreendidas como ambientes de superficialidade ou dispersão, são, nesta proposta artística referida, reconfiguradas como espaços de potência comunitária e dialogia. Com novas referências, como a do Poste Poesia, a circulação desses conteúdos nas redes sociais gerou não apenas engajamento, mas também desejo de replicação. Poetas e coletivos de outras cidades passaram a entrar em contato, interessados em realizar o Poste Poesia em seus próprios territórios.

13

Figura 2 – Realização do Poste Poesia em outras cidades



Fonte: registrada pelos autores.

A ideia de que os poetas envolvidos compartilham as imagens de suas poesias em seus próprios perfis criou uma espiral de visibilidade que não se restringia ao *like* ou ao algoritmo. Antes de tudo espelhava um gesto de aproximação simbólica: o jovem poeta via sua voz ampliar-se para além das fronteiras geopolíticas do Gesso, criando, como diria Buber (1979), uma relação presencial mesmo a distância. E, porque pautada no encontro que se dá também na *interexistência* (dialogia entre seres de planos vibratórios diversos) e na *ispseidade* (singularidade de cada ser, Espírito), como sublinha o filósofo Herculano Pires (2008), não trai sua potência emancipadora do humano.

Diante disso, o Coletivo Camaradas estruturou um processo colaborativo: abriu chamadas para poetas e coletivos, organizou um banco de dados com poesias, disponibilizou orientações, e até mesmo cedeu o uso da página no *Facebook* e modelos de *post* para que cada intervenção local pudesse carregar a mesma identidade poética. Mais do que uma campanha de replicação, tratava-se de uma teia de relações, como sonhavam Buber (1079) e Freire (1997), uma comunidade dialógica e descentralizada, onde cada um participa como sujeito inteiro.

A organização de rede entre coletivos, artistas e educadores nesses moldes se assemelha ao que Buber (1979) vai propor como vínculo sustentado por um compromisso ético com o outro, pela escuta ativa e pelo reconhecimento das singularidades. A mediação tecnológica, neste caso, não empobrece a relação; ao contrário, expande o campo de visibilidade e interação do humano. Os vídeos no *Youtube*, as postagens nas redes sociais, as reportagens em jornais e televisões locais não transformam a poesia em produto: transformam o território periférico em narrativa viva e partilhável, centro de um novo dizer.

Buber (1979) ensina que o verdadeiro encontro é aquele em que nos deixamos alcançar pelo outro. Esse é o movimento que o Poste Poesia provoca tanto em quem escreve quanto em quem lê: a palavra poética rompe o fluxo de indiferentismo do cotidiano urbano, e também o ruído constante das redes, para abrir um espaço de sensibilidade, escuta e fala – ou seja, de interação. Ao vermos a imagem de uma poesia afixada a um poste de rua, em uma cultura silenciada, essa mesma imagem postada digitalmente fala, e somos chamados não apenas a ler, mas a responder existencialmente, a reconhecer aquele outro como alguém que tem algo a dizer, e a quem devemos presença.

É nesse entrelaçamento da dimensão da arte e da educação, mediante formas multimodais e, muito particularmente, em redes digitais, que o Poste Poesia se transforma em

metodologia de produção de mundos imaginais – isto é, numa prática pedagógica político-estética, ancorada na ultrapassagem da lógica da invisibilidade estrutural de sujeitos excluídos. Os jovens do Gesso, ao ocuparem as plataformas digitais com suas criações, não apenas denunciam suas condições de vida, mas proclamam a centralidade de suas existências. O que começou como uma intervenção artística na Comunidade do Gesso hoje configura uma rede de sentidos, onde cada poesia postada (nos *stories* e nos *posts*) é também um convite a nos reconhecermos uns aos outros como sujeitos históricos, como “Tus” possíveis, como parte de uma mesma luta por dignidade, visibilidade e diálogo, em que as tecnologias digitais podem se tornar extensões do corpo comunitário. Tal como nas relações “Eu-Tu” descritas por Buber (1979), nesse processo dialógico não há lugar para coisificação do outro. Há, sim, uma celebração da palavra como gesto do encontro entre sujeitos e da intervenção social medida por uma poética transformadora.

4 CONCLUSÃO

Vimos que a Comunidade do Gesso, a partir desse campo do inédito, nas narrativas poéticas e críticas, se reorganiza não apenas física ou economicamente, mas, sobretudo, existencialmente. Há, na inserção do poético no mundo social, um verdadeiro processo de educação como instaurador do novo da relação entre sujeitos. Nesse campo de dialogias (que supera a monologia), o educador e o educando se relacionam a partir de uma simetria ou horizontalidade, que não separa o saber do ignorar, mas acolhe a reciprocidade do encontro em que cada um se torna coautor do mundo do outro e suas incompletudes. As rodas de poesia e os espaços de leitura em bodegas, ruas e espaços digitais são, nesse sentido, dispositivos que desestabilizam as hierarquias tradicionais do saber e seus lugares, instigando todos ao *sensível pensante* e aos compartilhamentos.

Ao se organizar e se mobilizar ocupando as praças e locais da comunidade, o Coletivo Camaradas tem contribuído para a construção de novas narrativas comunitárias, gerando espaços de reflexão e inclusão social junto aos moradores da Comunidade do Gesso. Os jovens advindos desse espaço, criados em meio a grandes limites de movimentação e fala, se organizaram, enquanto Coletivo Camaradas, e, por meio da arte e cultura feitas no território, arregimentaram mais parceiros das culturas juvenis e criaram novas narrativas a partir de ações coletivas de criação e crítica político-estética, que tornaram a comunidade do Gesso um reduto

de resistência social. Destaca-se também o valor da articulação da ética e da estética nesses construtos de arte, os quais são vertentes críticas que releem não só conteúdos produzidos e reproduzidos socialmente junto à infância e juventudes, mas também enunciam formas de criação que envolvem difusões digitais.

Pode-se concluir, também, que a ideia de que essa narrativa proposta pelas culturas juvenis vinculadas ao Coletivo Camaradas constitui uma comunidade de experiência, ou seja, um grupo concreto, que possui um imaginário capaz de criar novas sensibilidades e transmitir o possível da experiência presencial, que, sem perder compromissos de transformações coletivas, pode-se fazer também experiência por meios multimodais, através de práticas pedagógicas digitais e plurais. Dessa maneira é que o Grupo Camarada atua de modo vigilante para que os meios de comunicação, informacionais e digitais, articulados aos outros modos de formatividade em arte e cultura, não se descompassem do universo vivencial e presencial das experiências.

Ao resgatar o sentido do lugar e da memória coletiva, as práticas educativas e culturais da comunidade se tornam um poderoso gesto de resistência à lógica instrumental da sociedade. Se antes o Gesso era um território “administrado” como zona de descarte humano, agora se converte em um espaço onde o “Tu” comunitário emerge, chamando à responsabilidade, à solidariedade e à construção, em conjunto, da realidade.

16

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Walter de Melo Jorge; ROCHA, Marilene Lopes. Microfísica e produção de subjetividade: uma cartografia das práticas de liberdade. *Psicologia & Sociedade*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 46-54, 2007.

AMORIM, M. R. S.; LINHARES, A. M. B. Conflitos de narrativas e culturas juvenis na Comunidade do Gesso: percursos do Coletivo Camaradas. In: SILVA FILHO, Adalto Lopes da Silva (org.). *Filosofia e educação: concepções, teorias e saberes*. Curitiba: CRV, 2022. p. 249-260.

AUGÉ, M. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BUBER, Martin. *Eu e tu*. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

CAVALCANTE, Andrea Pinheiro Paiva. **Multiletramentos mediados pelo computador em sala de aula**: a perspectiva das culturas juvenis em fluxo. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

COPE, B.; KALANTZIS, M. “Multiliteracies”: new literacies, new learning. **Pedagogies: An International Journal**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 164-195, 2009.

COSTA, Fernanda Sander. **Cartografias da criação**: arte, política e subjetivação. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FLORÊNCIO, Lourdes R. S. **O Reino da Glória e a moral católica**: memórias sobre a educação feminina e a prostituição na cidade de Crato (CE). 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

LEMKE, J. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, jul./dez. 2010.

MAGALHÃES, M. C. C.; OLIVEIRA, W. Vygotsky e Bakhtin/Volochinov: dialogia e alteridade. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 103-115, jan./jun. 2011.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). **Hipertexto e gêneros textuais**: novas formas de construção de sentido. São Paulo, Cortez, 2010. p. 15-80.

MARTIN-BARBERO, J. D. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João. **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008. p. 9-32.

PAIS, J. Machado. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em educação: uma entrevista com José Machado Pais. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 33, n. 64, p. 301-313, abr./jun. 2017.

PIRES, José Herculano. **O ser e a serenidade**: ensaio de ontologia interexistencial. São Paulo: Ed. Paideia, 2008.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, R.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-32.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1988.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

Recebido em: 14 julho 2025.

Aceito em: 30 set. 2025.